

O ILUMINISMO FRENTE AO ROMANTISMO NO MARCO DA SUBJETIVIDADE MODERNA*

Em textos anteriores¹ e apesar do modelo comum de filosofia da história que compartilhavam², nos aprofundamos na completa diversidade de personalidade, de estilo expressivo e, especialmente, de ideais e vínculos sócio-culturais de Kant e Herder. Confirma-se, assim, um destino que marcou suas vidas e desafios intelectuais (como já visto no primeiro capítulo). Certamente aparecem como totalmente incomensuráveis e como dois pensadores tão pessoais que praticamente não têm comparação. Todavia também mostramos como Kant e Herder são porta-vozes privilegiados de dois movimentos chave da Modernidade, como são – respectivamente – o Iluminismo e o Romantismo. Agora nos concentraremos em situar o papel de todos eles – indivíduos e movimentos culturais – na grande deriva moderna que leva até nossa contemporaneidade e que está marcada pelos avatares do projeto moderno, pela sua racionalidade e pelo seu progressivo aprofundamento no papel decisivo do sujeito.

1 O PROJETO MODERNO: RACIONALIDADE E SUJEITO

Em primeiro lugar devemos definir o que deve ser compreendido como projeto de constitutivo da Modernidade (presente em toda ela ao menos implicitamente). O essencial do projeto moderno é a assunção do desafio de que a humanidade se colocasse totalmente a cargo de si própria a partir de suas exclusivas potencialidades e faculdades. Ele implicava a renúncia absoluta a toda instância ou pretensão que não poderia ser validada a partir do estritamente humano, superando: os ideais ou preconceitos aceitos sem crítica, a autoridade injustificada, toda tradição imposta, toda transcendência que não se desprendesse da imanência, etc. Para isso, a Modernidade partia essencialmente do sujeito pensante, de sua autonomia e das evidências que a ele eram dadas, considerando-se que só a partir do sujeito se podia *garantir* sua *certeza* ou *verdade* em função de um *método rigoroso*. E o objetivo central final era a *emancipação* humana de todas as servidões exteriores (da natureza, das inclemências e das dificuldades para assegurar uma vida digna) ou interiores (superando a *barbárie*, a *escravidão*, o *domínio* e a *violência* aos quais os humanos se submetem mutuamente) para então garantir a si a *liberdade*, a *felicidade* e a *paz*. Para isto, em geral, se reconhecia a necessidade de se levar a cabo uma radical *revolução* ou *regeneração* – ao menos – da sociedade, de suas intenções e inclusive, do próprio ser da humanidade.

Naturalmente, o debate surgia e as diferenças pareciam inconciliáveis quando se tratava de precisar o detalhe: como se poderia dar tal *garantia de certeza*, qual era o

* O presente ensaio, traduzido por Karine Salgado, constitui-se em versão de capítulo da obra originalmente publicada em castelhano: MAYOS, Gonçal. *Ilustración y Romanticismo*; Introducción a la polémica entre Kant y Herder. Barcelona: Editorial Herder, 2004, p. 363-408.

¹ MAYOS, *Ilustración y Romanticismo*, cit., p. 209-362.

² Veja-se MAYOS, *Ilustración y Romanticismo*, cit., p. 133-208.

método correto ou o adequado critério de rigor? Além disso, surgiam radicais divergências quando se tratava de decidir: qual era e como se conseguia a *emancipação* ou *segurança*? Até que ponto era inevitável lográ-la tomando-se a natureza como *inimigo a ser combatido*? O que realmente fazia a *vida digna*? Quais eram os limites precisos da *barbárie* e da *escravidão*? Qual era a quantidade mínima necessária de *domínio* e *violência* que inevitavelmente se teria de aceitar para *garantir a liberdade*, a *felicidade* e a *paz*? Assim como, qual era o verdadeiro sentido e conceito de tais aspirações? Como e até que ponto levar a cabo a *revolução* ou *regeneração*? Quais instituições da sociedade mudar e em qual direção? E, que parte do ser própria da humanidade é possível e legítimo modificar?...³

Por tudo isso, o debate chegou a afetar as que pareciam ser as grandes ferramentas do projeto moderno: o sujeito, a razão e o conhecimento científico. Contrário ao tópico o tema central do debate não era partir ou não do sujeito, não era razão sim ou não, ciência sim ou não, mas sim, de forma mais precisa, até que ponto confiar e basear todo o projeto moderno (entendido como essencial para a humanidade) exclusivamente na evidência autônoma do sujeito pensante e do domínio de uma razão cada vez mais reduzida à função instrumental e no modelo do conhecimento científico. É a partir daqui que a oposição Iluminismo e Romantismo adquire seu verdadeiro valor, assim como sua relação com movimentos modernos anteriores como o Racionalismo, o Empirismo, o Fideísmo ou o Ceticismo e movimentos posteriores como o Idealismo, Historicismo, o Positivismo, o Utilitarismo, o Vitalismo, o Pragmatismo, o Existencialismo...⁴

Como veremos, o conflituoso debate entre Iluminismo e Romantismo é muito importante porque evidencia um ponto chave da Modernidade e de toda evolução humana: quando o ponto de partida moderno no sujeito autônomo e subsistente parece entrar em colisão com o próprio ideal de racionalidade e cientificidade. Trata-se do trágico momento em que a grande esperança do projeto moderno confiada na potencialidade autônoma do sujeito descobre com surpresa e angústia que este se perdeu ou fugiu colocando em risco as esperanças que haviam sido depositadas nele. E esta trágica consciência não é patrimônio exclusivo do Romantismo, pois também se dá no Iluminismo, como atestam os pensamentos de Rousseau, Diderot e do próprio Kant.

Neste movimento tão decisivo, a subjetividade pensante e agente ficou tão potencializada, tornou-se tão determinante e indiscutível que ameaça romper o laço objetivo com o mundo, com todo valor “essencial” e “universal”. Então ameaça arruinar o complexo equilíbrio estabelecido no início da Modernidade e que fundamenta o vínculo entre sujeito e objeto – entre o ente pensante e o ente

³ Algum aspecto (como este último) pode parecer exagerado, porém acreditamos ter demonstrado ao longo do livro ser essencial ao debate Kant-Herder e Iluminismo-Romantismo. Eles antecipam claramente as polêmicas atuais, como a recentíssima entre Sloterdij e Habermas embora o contexto atual as torne muito mais pressionadas pelo aumento infinito das atuais possibilidades de intervenção (por exemplo, a engenharia genética).

⁴ Por exemplo, Berlin (2000, p. 184) afirma que “o movimento existencialista francês” “é o verdadeiro herdeiro do Romantismo” e não hesita - como tantos outros - em vincular a este também o fascismo do século XX.

pensado-. Assim, a subjetividade parece ficar só, tragicamente separada do mundo e das outras subjetividades. Parece que só tem a si mesma, até o ponto em que, não tendo outro padrão ou modelo, tudo lhe é possível, nada lhe é vedado ou é considerado sagrado. Então todo sentido, valor ou verdade aparecem como contingentes e relativos à ação e ambição desse sujeito absolutizado. Toda a realidade ou ontologia parece se reduzir a obra desse sujeito e de suas ambições. Finalmente, a impossibilidade de todo o Sentido e de todo Valor ameaçam concluir pela chamada “morte de Deus”, quando o homem (melhor dizendo, sua subjetividade ou sua “mera” razão) ocupou o lugar do “absoluto”, ao preço – segundo parece – de uma desorientação dramática e de um avanço trágico no longo processo para o niilismo.

Caminheemos por partes, contudo. O grande conflito e drama moderno que exemplifica maravilhosamente bem o conflito entre Iluminismo e Romantismo (pois sintetiza sua essência) é o choque dos dois grandes ideais modernos – racionalidade e subjetividade – que, sem dúvida, não são patrimônio exclusivo de nenhum desses dois movimentos. Racionalidade e subjetividade estão intimamente ligadas, pois a Modernidade adquire plena consciência de si, quando Descartes explicita a sua condição, somente ao descobrir que a racionalidade do mundo apenas pode ser fundamentada rigorosamente a partir do sujeito pensante. A partir de então, conscientes de que qualquer alternativa implica um realismo injustificável, racionalidade e sujeito se dão as mãos e parecem avançar em uma aliança tão profunda quanto exitosa. Podemos dizer que se encontraram e nada poderá vencê-las... enquanto estiverem unidas.

Precisamente por isso, a potente racionalidade nascida da revolução científica busca incansavelmente – através tanto do Racionalismo quanto do Empirismo – fundamentar-se desde o sujeito pensante e de suas evidências. Por um lado tem como grande adepto o impressionante êxito de uma “nova ciência” cada vez mais estruturada matematicamente, confirmada por uma mais versátil experimentação e com aplicações técnicas mais poderosas e de maior alcance social. Por outro lado, a racionalidade moderna tampouco pode prescindir de se perguntar pelo sujeito que em última instância valida tudo (e que considera seu verdadeiro fundamento). O Iluminismo mergulhou intensamente no sonho científico moderno, sua racionalidade é em grande medida aliada e complementadora da científica. De Voltaire a Kant passando por Hume (que quis ser o Newton das ciências morais e humanas), D’Alembert e o wolffismo em nenhum momento podia esquecer (apesar das críticas pontuais) da ciência moderna, pois nela via o modelo superior de racionalidade e a grande esperança para a humanidade se estendia eficazmente a outros âmbitos. Por outro lado o Iluminismo buscava compartilhar sua perspectiva crítica (que coloca o homem como sujeito autônomo) com a ciência que mais tendia a tratá-lo analiticamente como objeto.

Os românticos, ao contrário, não podiam estar de acordo nem com a perspectiva estritamente materialista das ciências humanas de – por exemplo – *O Homem Máquina* de La Mettrie⁵, nem no naturalismo de Hume. Este último era acusado de

⁵ Muito significativamente, La Mettrie (1709-1751) apontava como método mais adequado para analisar o homem o método da anatomia e da fisiologia. Não tem nenhum problema para falar da “alma de lodo” humana e, como destaca Foucault, interpreta a educação em termos de

negar a substancialidade do eu e de ter quebrado a unidade humana, pois apresenta ao conhecimento as paixões e a emotividade, ou a ciência e a ética como incoerentes e irreduzíveis entre si. Para os românticos, a ciência objetivizante e analítica rompia com a unidade vital do ser humano (além do vínculo com a sociedade e a Natureza) e, sobretudo, impedia concebê-lo como um sujeito ativo e livre que se expressa (expressivismo herderiano) coerentemente em tudo o que faz, diz ou conhece.

Isso explica que grande parte do pensamento filosófico (não só os românticos) não poderia aceitar a desorientação da tradição científica que cada vez era mais estritamente positivista e meramente analítica. Podemos situar a ruptura da frutífera aliança filosófico-científica entre sujeito e racionalidade (que se tinha dado no século XVII) quando os discípulos de Newton estenderam o “sonho newtoniano” e seu modelo matemático experimental de ciência à totalidade dos âmbitos cognitivos. Então se impôs cada vez mais o ideal de uma “ciência sem metafísica” que considerava mero “filosofema” a toda reflexão sobre o fundamento incondicionado e sobre o papel constituinte do sujeito. Essa cisão ciência-filosofia radicalizou-se com o final do Iluminismo e – ainda mais – do Romantismo, provocando a perda de certo equilíbrio no qual – em sua diversidade – estes movimentos ainda aspiravam.

2 REVOLUÇÃO ROMÂNTICA, ASSALTO À RAZÃO?

A questão é se a ruptura de todo equilíbrio moderno entre subjetividade e racionalidade se dá já em e pelo Romantismo, ou só depois do fim deste movimento. Ainda que enfatize muito, o grande historiador liberal das idéias que é Berlin (fascinado pela ruptura entre Iluminismo e Romantismo) parece tomar partido pela primeira tese. Berlin, que fala explicitamente de “revolução romântica”, dá a maior importância a Hamann e especialmente a Herder.⁶ Por sua parte, o grande estudioso marxista de Goethe e do Romantismo, Lukács, parece tomar partido pela segunda tese. Situa o “assalto à razão” mais no final do Romantismo. Ainda que a intuição intelectual de Schelling estivesse na origem do irracionalismo, este só explodiria mais tarde e proveniente do estado “imperialista” do capitalismo.⁷

Como vemos, as diferenças entre as teses de Berlin e Lukács são tão importantes como suas divergências ideológicas. Por isso não podemos esquecer que, significativamente, ambos os estudiosos partem e consideram decisivos nesta grande ruptura moderna os mesmos pensadores e o marco sócio-cultural alemães do período de 1789 (coetâneos, portanto da Revolução francesa). Este é também o marco central de nossa análise e por isso devemos analisar o papel de Kant e de Herder (também da Ilustração e do Romantismo) nessa ruptura tão significativa e

adestramento e correção. Ademais, tanto ele quanto Hume tendem a negar ou relativizar a diferença entre a humanidade e o resto dos animais.

⁶ Por exemplo, Berlin, 1995, p.290. Vide também Berlin, 2002, p. 339 e 345.

⁷ Lukács, 1976, por exemplo a “Introdução”.

que, Berlin e Lukács,⁸ colocam às vezes de maneira tão apocalíptica. Dedicaremos a isso o resto de nosso livro.

Significativamente, o primeiro grande surto romântico – o “Sturm und Drang” – se produz dentro do complexo conglomerado de Estados que constituía naquela época o mundo alemão e que se caracterizavam por seu notável atraso social, econômico-liberal, científico e técnico. Porém, por outro lado, esse mesmo mundo alemão era uma grande potência demográfica, com grande número de intelectuais imbuídos da mentalidade esforçada e trabalhadora do Calvinismo.⁹ Ademais, muitos destes pensadores eram filhos de pastores protestantes conquanto todos, sem exceção, estavam marcados pela fé voltada para a própria subjetividade interior do Pietismo e pela confiança na “livre análise” que Lutero havia reclamado frente às Escrituras. Portanto, - como disse Hegel – mesmo que o Iluminismo pudesse parecer longínquo, em certo sentido a Reforma protestante tinha antecipado já uma das grandes aspirações iluminadas: a autonomia do pensar.

Assim, a intelectualidade alemã do fim do século XVIII – tratada ainda como simples servos, porém cheia de grande confiança especulativa – compensa sua situação social claramente subordinada com uma ambição intelectual extrema. É comum (como faz, por exemplo, Herbert Marcuse em *Razão e revolução*) relacionar aquela explosão subjetivista e especulativa com o contraste entre a repressão interior em que viviam e sua admiração pelos avanços estrangeiro, dos quais o mais radical era a Revolução francesa. Por isso, a confiança dos intelectuais alemães, tão menosprezados pela aristocracia dominante como impelidos pelo convencimento da grandeza de sua tarefa especulativa, levou a cabo no mundo das idéias e da cultura¹⁰ a revolução que os franceses realizavam no campo político.

Ambas as revoluções tinham de estar baseadas na liberdade e no reconhecimento da primordialidade do sujeito humano, que havia de subordinar inclusive o interesse contemplativo ou cognoscente a sua natureza essencialmente ativa, criativa, constitutiva, enquanto artista e vontade. Ambas as revoluções teriam de evidenciar, pois que o mundo, a Natureza, as instituições sociais, o Estado, eram algo

⁸ Por sua parte, Blumenberg considera que o Romantismo nasce a partir do momento em que “surgiram dúvidas sobre se o iluminismo, a razão e a ciência estão, em absoluto, em condições de preencher o lugar no sistema que antes ocupavam os mitos e agora ficou vazio pela crítica deles. Certo é que o mundo ilustrado é um mundo desmitificado. Porém se nele está assegurada a sobrevivência do homem, parece que não pode satisfazer a necessidade de sentido e de amparo que este sente. Por isso se produz a rebelião do Romantismo contra o Iluminismo. Os românticos, com um gesto quase altivo proclamam contra a ilustração que “nem tudo o que não passa pelo controle da razão é um engano” (AM, 69). A remistificação do mundo adquire a urgência e a militância próprias de uma tarefa que já se deveria ter feito.” Citado por Wetz, p. 89.

⁹ Max Weber formulou esta tese enfatizando sua importância fundamentalmente para o desenvolvimento do capitalismo e do “racionalismo” modernos, porém podemos estendê-las igualmente ao desenvolvimento filosófico em torno do Romantismo e do Idealismo alemão.

¹⁰ Para eles, nos quais predominava a perspectiva idealista, a prioridade das idéias e a posição do sujeito pensante, não era algo secundário, mas sim, ao contrário, essencial, pois era a autêntica condição do triunfo duradouro da revolução política. Assim quando a contra revolução se impôs na França e fez retornar a dinastia dos Bourbons, a maioria desses filósofos (por exemplo Hegel) argumentou que aquela revolução tinha fracassado por não ter se baseado na revolução subjetiva e nas idéias que eles haviam realizado.

submetido e inclusive criado totalmente por e para o sujeito. Só assim a consciência, os idéias, os valores e os radicais interesses humanos poderiam se realizar efetivamente, culminando no projeto emancipatório moderno que queria converter o homem em senhor da totalidade, precisamente partindo desde o foco de sua subjetividade. Aqui podemos ver alguns dos motivos socioculturais do salto “subjetivista” no mundo alemão e no Romantismo.

Pois bem, segundo análises como as de Horkheimer e Adorno *A dialética da ilustração* – tampouco podemos esquecer outros fatores anteriores. Assim, por exemplo, a “vontade ingovernável”¹¹ que Berlin vê como o perigoso salto que leva ao irracionalismo posterior tem, certamente, uma clara genealogia romântica porém também iluminada e – inclusive – se enraíza no século XVII. Certamente, desde então o sujeito foi se impondo e não só como sujeito pensante, mas também, cada vez mais, como sujeito agente e globalmente criativo. Por isso poderíamos remontar a Descartes e mesmo ao tardomedieval Ockham. Pois, desde então resulta finalmente destruído o velho ideal do *logos* cósmico grego (que já tinha recebido muitos golpes), como algo prévio e independente da ação configuradora do sujeito. Sem dúvida estamos diante de um largo processo que só nas suas etapas finais leva à imposição desenfreada da subjetividade criativa que tudo reduz a expressão sua. E, certamente, devemos esperar a rica e polimórfica filosofia da história de Herder para que ressoe claramente a idéia de que “não há uma estrutura das coisas. Não há um modelo ao qual devemos nos adaptar. Existe somente um fluxo: a interminável criatividade própria do universo.”¹²

3 PARTICIPAÇÃO DO ILUMINISMO E DO ROMANTISMO NO MODERNO PROCESSO DE SUBJETIVIDADE

Parece indiscutível, pois, que o Romantismo represente tanto um aprofundamento da subjetividade moderna quanto uma grande rebelião com respeito à ciência e a sua racionalidade analítica. Pois bem, parece excessivo culpar de modo exclusivo o movimento romântico, concentrando nele todas as conseqüências negativas de um largo processo que abarca praticamente toda a Modernidade, antes dele e, inclusive, muito depois dele. Sem ir mais longe, indubitavelmente o Iluminismo representa uma clara radicalização da subjetivação como componente essencial do projeto moderno.

Certamente, Kant pensa sua famosa “revolução copernicana” sobre a base de um sujeito transcendental que impõe ao objeto suas condições (intuição sensível, de representação conceitual e de síntese global através de idéias). Ademais e muito significativamente, a ética (que é para Kant o interesse e maravilha supremos do ser humano) está baseada na preponderância absoluta do momento subjetivo, pois o eu

¹¹ Berlin, 2000, p.160.

¹² Berlin, 2000, p.160 e 183. Berlin insinua inclusive que esta conseqüência subjetivista implica no Romantismo mais extremo a superação mesma de seu pressuposto moderno (o sujeito): “a vontade e o homem como ação, como algo que não pode ser descrito já que está em perpétuo processo de criação; e não é possível sequer dizer que está criando-se a si mesmo, já que não há sujeito, só há movimento.” Seria possível pois que Herder tivesse antecipado teses do tipo a “história como processo sem sujeito” de Althusser.

se autoafirma como legislador.¹³ Sem nenhuma dúvida a subjetividade é o elemento chave da moralidade kantiana, pois deve ser absolutamente autônoma e independente de qualquer condição objetiva ou circunstância externa. Por isso mesmo, a questão da moralidade atinge de modo exclusivo só a intenção com que se atua, porém não o resultado efetivo – quiçá não querido – dos próprios atos. Remete exclusivamente à sinceridade e à coerência da própria atitude, além da absoluta autonomia com que se escolhe a própria “máxima” moral. À diferença do tipo de moralidade dominante até então, a kantiana não se baseia na subordinação aos valores socialmente estabelecidos, pois isso implicaria o abandono da própria liberdade, da autonomia e da responsabilidade moral em favor da submissão ao heterônomo.

Além disso, Kant define o essencial de sua época e a primordial tarefa do Iluminismo precisamente como o pleno transformar-se em sujeito por parte do homem. Para isso este tem que ser não só senhor do mundo, mas, sobretudo, senhor de si mesmo, liberando-se de seus impulsos animais e de todo despotismo intelectual. “O iluminismo é a liberação do homem de sua culpável minoridade. Tal *minoridade* significa a impossibilidade de servir-se de sua inteligência sem se guiar por outra pessoa. [...] *Sapere aude!* Tenha a coragem de usar a sua própria razão!: este é o lema do iluminismo.”¹⁴ A novidade que aportava o iluminismo era, portanto, um salto qualitativo no transformar-se do sujeito em homem, na prioridade da subjetividade frente ao dado e ao institucionalizado. Conscientes disso, os conservadores anti revolucionários sempre culpavam os ideais iluministas¹⁵ pela violência da Revolução francesa, especialmente **este novo “orgulho” de julgar e dispor de tudo a partir da própria subjetividade.**

Estes mesmos iluminados, também evidenciando muitas vezes a importância das circunstâncias e das opressões “reais”, concordavam em responsabilizar pelo estupor revolucionário sobretudo a influência das novas idéias. Por isso não é estranho que já no final do século XVII se destacasse por trás e por cima dos ideais iluministas a indocilidade de uma nova subjetividade que teria o atrevimento de pretender julgar o mundo e as instituições desde si mesma. Naturalmente, o perigo era então confundir liberdade com libertinagem, a interioridade subjetiva com a autêntica verdade e o livre pensamento com o distanciar-se dos alicerces da sociedade, socavá-los e fazê-los cair. Além disso, em seu caminho subjetivante, o Iluminismo inclusive chega a voltar-se contra si mesmo o ácido da crítica e do livre pensamento. Então, indubitavelmente, também colabora com a autodestruição interna do projeto moderno: “O primeiro Iluminismo tinha socavado a antiga ordem teológico/metafísica, havia derrubado seus velhos altares e instituições, destruído superstições e medos ancestrais para por em seu lugar a Razão ou a

¹³ Na *Crítica da razão prática* (p.48) diz: “Semelhante independência [da lei natural da causalidade], no entanto, se chama *liberdade* no mais estrito, quer dizer, transcendental sentido. Assim, pois, uma vontade para a qual a mera fórmula legisladora da máxima pode servir de lei é uma vontade livre.”

¹⁴ *Qué es ilustración?* p. 25

¹⁵ Evidentemente, esqueciam sua própria responsabilidade na fome prévia, na tirania aristocrática ou no mau governo e na falência da monarquia.

Humanidade; porém, oculta a sua crítica, se dirige contra seus próprios ídolos e acaba também destruindo ceticamente sua própria fé na razão.”¹⁶

Este é um aspecto do Iluminismo que muito rapidamente percebem Herder e o Romantismo, e para o qual querem encontrar alteração. Agora sim, é indubitável que esses mesmos românticos escandalizados pela crescente cisão ilustrada dos indivíduos com respeito à sociedade ou do homem frente à Natureza, também participam e, inclusive, radicalizam o ponto de partida subjetivista moderno. Nestes o primordial é a radicalidade com que se reconhece e se aposta (inclusive violentamente) na própria autenticidade. É como se, no Romantismo, o moderno impulso para transformar em sujeito último de tudo tivesse completamente a globalidade de mente e corpo, provocando esse profundo motivismo e exaltado o sentimentalismo que é um dos seus aspectos mais manifestos e reconhecidos. Já Schiller distingue a poesia romântica ou “sentimental” por ser subjetiva e autoconsciente frente à poesia “ingênua” ou clássica que é direta e objetiva. Por isso Isaiah Berlin, quando trata de definir a “revolução romântica” sempre aponta essa preponderância do subjetivo, esse focar-se na própria subjetividade como o único e verdadeiro ou autêntico, com uma radicalidade com cores de desespero que ainda e a esse nível era desconhecida dos iluminados apenas algumas décadas antes (excetuando-se o anfíbio ilustrado que era Rousseau).

Seguramente nesta ênfase maior do subjetivo que se manifesta no Romantismo e na Alemanha, é de grande importância a influência da interpretação da religião como um diálogo íntimo estabelecido no fundo da própria consciência. Está potencializado pela subjetividade típica da Reforma luterana e depois radicalizada pelo Pietismo que tanto influenciou Herder, porém também – se bem que com importantes ambigüidades – em Kant. Em todo caso, ainda que exagerando um pouco em sua formulação, tem razão Berlin¹⁷ ao dizer contundentemente: “Os valores aos quais [os românticos] davam maior importância eram a integridade, a sinceridade, a propensão a sacrificar a vida própria por alguma iluminação interior, o empenho por um ideal pelo qual seria válido sacrificar tudo, viver e também morrer. [...] no sentido comum, a moderação não entrava em seus pensamentos; acreditavam na necessidade de lutar por suas crenças ainda que com o último suspiro de seus corpos, no valor do martírio como tal, sem se importar com qual seria o fim de tal martírio. Consideravam as minorias mais sagradas que as maiorias, que o fracasso era mais nobre que o êxito pois este último tinha algo de imitativo e vulgar. A noção mesma de idealismo, não em seu sentido filosófico e sim no seu sentido ordinário do termo, isto é, o estado mental de um homem que está preparado para realizar grandes sacrifícios por um princípio ou por alguma convicção, que se nega a se trair, que está disposto a ir ao palanque por que assim crê, devido a sua crença; esta atitude era relativamente nova. As pessoas admiravam a franqueza, a sinceridade, a pureza da alma, a habilidade e disponibilidade para

¹⁶ Pedro Cereza, 2003. p.51. Neste livro muito recente, trata do “conflito endêmico do mundo moderno entre Ilustração e Romantismo” na vertente do pensamento espanhol do final do século XIX.

¹⁷ Nas Conferências A. W. Mellon que pronunciou em 1965. Berlin, 2000, pp. 27ss

dedicar-se a um ideal, qualquer que fosse ele.” Ademais, como salienta imediatamente Berlin: “Sem importar com qual era este [ideal]: *isso é o importante*”.¹⁸

Para os românticos o importante não é o valor ou o ideal querido, mas sim o como e o porquê se quer, a atitude com que se quer, isso é si o próprio querer é mais ou menos “autêntico” no sentido de mais próximo e idêntico ao próprio e subjetivo sentir e viver. Pensam que tradicionalmente se terminava dando preponderância ao socialmente predeterminado ou ao objeto no qual se inspirava, subordinando-lhe e renunciando a própria decisão do sujeito. Assim, quase inevitavelmente se acabava seguindo valores alheios e se subordinando ao heterônimo, que era para os românticos a mais terrível traição.¹⁹

Como vemos, a relativa novidade do Romantismo é uma maior e mais radical preponderância do subjetivo sobre o objetivo que, isso sim, destrói o instável equilíbrio que a Ilustração lutava para manter. Agora, e mais exaltadamente, se privilegia a autenticidade da decisão sobre a objetividade, da universalidade ou da “respeitabilidade” do decidido. Portanto Berlin²⁰ relaciona a atitude romântica com a daquele que, ante seus adversários ou quem defende um ideal contrário ao próprio, é capaz de dizer: “Pouco importa o que pensa esta gente, o importante é o estado mental com o qual crêem nisso, que não se traíram que foram homens íntegros. Estas são as pessoas que se pode respeitar. Se tivessem passado para nosso lado simplesmente para salvar-se, esta teria sido uma forma de ação demasiado egoísta, demasiado prudente, demasiado depreciável”.

3-1 *Necessidade de expressão e criatividade*

Sem dúvida tanto o Iluminismo como o Romantismo, Kant e Herder, têm um papel decisivo na genealogia do longo processo através do qual o sujeito moderno finalmente se destaca e rompe com todo equilíbrio. Berlin vê um salto qualitativo muito importante em tal direção com três doutrinas básicas de Herder. Em primeiro lugar²¹, a do “expressionismo” ou “expressivismo”, pois “Herder afirmava que uma das funções fundamentais dos seres humanos era expressar-se, falar; em consequência, qualquer coisa que fizesse o homem expressava a sua natureza. Si não o fazia plenamente era porque ele mesmo se atrofiava, ou se limitava, ou colocava algum obstáculo a sua energia natural”.

É indubitável que – para Kant e o Iluminismo – o sujeito também se expressava, porém essa expressão quando era adequada, não fazia mais que manifestar a universal e comum racionalidade da humanidade. Por isso não fazia falta aprofundar propriamente uma necessidade de expressão ou sua particularidade, o importante era avaliar até que ponto esta tinha conseguido se relacionar com o racional e o universal. Porém para Herder e o Romantismo, já não está tão claro que a expressão autêntica e livre do sujeito (maximamente si você é fiel a sua singularidade, ou seja, mais ao conjunto dos seus sentimentos que as regras da razão) seja estritamente

¹⁸ Grifo nosso.

¹⁹ Como, por outro lado, já estava claramente afirmado na ética Kantiana.

²⁰ Berlin, 2000, p.29.

²¹ Berlin, 2000. pp.86ss.

homogeneizada com o conjunto de sua sociedade e, mais ainda, da humanidade. Então o decisivo passa a ser a necessidade mesma de “expressão” e cada vez mais, em termos de autenticidade e sinceridade subjetiva,²² cada vez mais independente da correção e aprovação intersubjetiva.

Então, significativamente, o humano passa a ser interpretado sob a metáfora da arte e do artista, os quais já superaram a *mimesis* ou o estado da cópia, para passar a ser criadores. Já não são meros imitadores das aparências, mas sim, sobretudo, expressão de sua maneira subjetiva, pessoal e idiossincrásica de vivê-las. Nesta cada vez mais extrema valoração do criativo no sujeito, o Romantismo inaugura a preocupação pelo não consciente. Pois a capacidade criativa e expressiva do sujeito é infinita, de modo que nunca pode se identificar totalmente com suas manifestações, com suas obras ou formas concretas. Portanto, os românticos buscarão cada vez mais no sujeito criador aquele impulso protético e, por tanto, ainda sem forma e distante do que se busca expressar, mas não pode satisfazer-se nem identificar-se com nenhuma expressão concreta. Assim, muitos românticos antecipam o conceito freudiano de **inconsciente**, ao qual outorgam o máximo valor, pois é a origem expressiva e o ponto de partida criativo de tudo. Desta maneira, o Romantismo transcende na sua visão de arte e de artista o ideal clássico da “obra bem feita” e “perfeitamente acabada”, para buscar precisamente o momento criativo mesmo ainda que seja balbúcio ou só esboço, incompleto, imperfeito, inacabado e meramente insinuante.²³ Certamente os românticos visam, sobretudo o sopro criativo mesmo e a infinita sugestão ainda que tomadas de maneira imprecisa.

Podemos rastrear esta idéia já na dualidade do belo e do sublime teorizada por Shaftesbury, Burke ou Kant, porém – só com Herder²⁴ e o Romantismo – o valorizado como “artístico” ou “genial” já não é a arte objetivada em uma obra de pura e clara beleza, mas o que permite entrever a sublimidade do esforço do sujeito para expressar-se. Mesmo que não consiga um resultado plenamente conclusivo (muitas vezes precisamente por isso), o artístico é cada vez mais a proposta de risco e subjetivamente radical que comove e pode de alguma maneira ser continuada pelas subjetividades de quem o admira e participa de sua “ação”, desprezando o ideal de obra acabada que tão só se oferece à contemplação passiva.

Certamente, e muito para além do âmbito estritamente artístico, a partir do Romantismo (porém em coerência com o projeto moderno) o grande desafio é conseguir mostrar como desde a interioridade e espontaneidade do sujeito se constrói e valida toda a realidade. Em seguida, todo o humano, a cultura, a arte, os valores e ideais não são obra do impulso criativo dos indivíduos e grupos humanos (especialmente os qualificáveis como “gênios”). A história humana não é então senão essa inacabável tarefa de criação e expressão, com a qual a humanidade

²² Já em grande medida perceptíveis em Kant, sobretudo em seu pensamento sobre a religião.

²³ Berlin (2000, p. 140) se pergunta o que poderia significar “profundidade” para os românticos e termina concluindo que basicamente se refere ao “inesgotável, o inacabável”.

²⁴ Berlin (1995, p.271) não hesita em afirmar que “Herder é o verdadeiro pai da doutrina segundo a qual a missão do artista, acima de tudo, é testemunhar na sua obra a verdade da própria experiência interna.” Ainda mais – disse (p.276) – Herder sempre “acreditou que todos os homens têm algo de artistas”.

culmina uma força presente inclusive na natureza inanimada. “vivemos no mundo criado por nós mesmos”, proclama Herder.

Naturalmente, torna-se assim problemática a confiança (tão forte ainda nos iluministas) na unidade, universalidade e coerência das criações humanas, das culturas e das épocas. Com antecedentes tão iluministas como Montesquieu e Voltaire, agora se manifesta a crescente necessidade de usar conceitos tão etéreos – por assim dizer – como “espírito” do povo, das nações, do “tempo”, etc., que antecipam conceitos atuais de grande uso entre historiadores como são os de “mentalidade” ou “civilização”.

Herder antecipa a grande dialética hegeliana que pensa toda a história humana como um infinito e inesgotavelmente rico esforço de expressão pelo qual o sujeito sai de sua intimidade e se realiza em algo objetivo. Num segundo momento dialético, esta objetivação representa uma inevitável “alienação”, pois toda autêntica expressão não é algo fácil e ausente de conflito. Ao contrário, toda profunda e “efetiva” criação comporta um salto do subjetivo ao objetivo, que dificulta reconhecer o abstrato e ideal da intenção no concreto e real do resultado. Portanto, só em um terceiro momento – dirá Hegel também seguindo Herder – o subjetivo inicial poderá reconciliar-se com o efetivamente realizado, como fruto de um compromisso dialético entre o projeto mental e as condições concretas com as quais tem de lidar para deixar de ser meramente “ideal” e passar a ser real efetivo. No entanto, mais radicalmente que Hegel, Herder apontará com tais idéias a riqueza e incomensurabilidade das expressões e subjetividade humanas. Uma nova perspectiva – enquanto angustiante e fascinante – abre passagem: as mais profundas e preciosas criações humanas, precisamente por serem “expressão” do idiossincrásico, são radicalmente incomensuráveis e incomparáveis entre si. Então aparece a consciência de que “os ideais – os verdadeiros ideais – são com frequência incompatíveis e não podem se conciliar”.²⁵

Então se os ideais, valores, aspirações e pressupostos das culturas e povos não são plenamente integráveis em uma unidade e coerência estrita, a humanidade parece condenada a expressar-se em uma diversidade de grupos e civilizações distintos. Balança o ideal tradicional e ilustrado de humanidade²⁶ baseado em uma muito clara e simples identidade, unidade e coerência. O Romantismo quer substituí-lo por um conceito muito mais complexo, rico, versátil e variável,²⁷ e não entendem que aos ilustrados pareça simplesmente que o destroem. Certamente os românticos têm potentes argumentos: com seu conceito de humanidade, o Iluminismo simplesmente teria estendido seu etnocentrismo a nível mundial (pelas viagens, pelo colonialismo, pela imposição européia), culminando assim em uma velha tendência a que cada povo ou grupo se identificaria com a humanidade e consideraria seus valores como próprios da humanidade. O Iluminismo teria feito como esses povos primitivos cujo adjetivo serve também para designar (sem nenhuma estranheza) a

²⁵ Berlin, 2000. p.86.

²⁶ Seguramente por ele Herder sente a necessidade de redigir sua extensa e ambiciosa obra *Cartas para a promoção da humanidade* em cinco compilações de 1793 a 1797.

²⁷ Diaz-Urmeneta (1993, p.29) fala da reivindicação do “valor da experiência diferenciada das culturas históricas”.

humanidade mesma, isso sim teria levado a cabo de maneira muito mais sistemática, hipócrita, violenta e indiscutivelmente ampla e eficaz.

O Romantismo dá uma especial ênfase ao questionar da identificação entre Iluminismo e humanidade. Desde a negação da universalidade da primeira e com uma mais rica e versátil definição da segunda, mudam os conceitos de pertinência²⁸ a um grupo ou à humanidade, assim como a relação dos grupos com relação a esta. A humanidade passa a ser uma unidade complexa como corresponde a uma espécie cuja essência se baseia na liberdade e na criatividade, e cujos membros expressam de formas infinitamente variadas sua onipresente subjetivação. A humanidade não é para o Romantismo um conceito fechado, mas um devir, pois é aberta e busca infinitamente completar-se. Para o Romantismo, a humanidade, como a Natureza e a vida, é algo tão amplo e complexo que não se deixa reduzir a nenhuma de suas formas concretas e parciais por mais potentes e hegemônicas que sejam.

4 ILUMINISMO E ROMANTISMO EM BUSCA DE UM POSSÍVEL EQUILÍBRIO

Como vimos, o Romantismo representa um passo a mais no longo processo moderno de subjetivação, no qual por outro lado também intervém decisivamente O Iluminismo. No entanto, como o Romantismo (ao menos como período histórico concreto) se sobrepõe e sucede o Iluminismo (também como período) parece trazer em maior grau, senão de modo exclusivo, as conseqüências negativas de todo o processo moderno. Naturalmente esta é uma perspectiva tão fácil como simplista e errônea. Para constatá-la, basta recordar que precisamente a partir das críticas que dirigiram entre si o Iluminismo e o Romantismo se consolidaram duas importantes correntes de pensamento que tendem a repartir as responsabilidades. Embora não seja exagerado reconhecermos que na maioria das vezes se limitam a acusar de todos os males contemporâneos ou, ao menos, de sua gênese moderna um ou outro desses movimentos. Pois habitualmente cada corrente pensa que o movimento escolhido quase como “bode expiatório” teria sido o principal culpado pelo desequilíbrio indubitável que presidiu o século XX e parece que presidirá o início do século XXI.

Assim se acusa o Iluminismo de ser a origem do individualismo irrestrito, da crítica radical e incansável que inevitavelmente subverte tudo (inclusive a si mesma), de confiar tudo à ciência e em sua versão basicamente técnica e pragmática de racionalidade, de elevar um ídolo na idéia de progresso ao qual se imolam as tradicionais virtudes humanas, de iniciar a cruel batalha do imperialismo político-cultural baseando-se na superioridade etnocêntrica da Europa, de cindir o ser humano e suas faculdades tratando-o de uma maneira meramente analítica e como um objeto a mais, de dessacralizar o mundo tornando impossível toda harmonia espiritual nele e com ele, por só pensar no domínio da Natureza e dos próprios homens...

Por sua parte, o Romantismo é repudiado por antropomorfizar as coletividades tratando-as como se fossem sujeitos com personalidade própria, dando combustível

²⁸ A terceira grande contribuição de Herder segundo Berlin (por exemplo, 1995, pp.262ss).

aos piores excessos do nacionalismo e aos distintos fascismos, por oferecer uma visão basicamente emotiva e sentimental do ser humano que esmaga toda a tradição racionalista anterior, por construir uma visão do ser humano onde os valores morais aparecem como meras repressões da própria liberdade e “genialidade”, por uma visão ingênua e retrógrada que propugna o “retorno às cavernas” e a um “estado de natureza” que nunca existiu, por fiar tudo aos “impulsos irracionais”, por promover uma atitude ante a vida que se baseia na “lamentação” e no ressentimento por não ser o mundo como os românticos merecem...

Curiosamente por trás de todas estas críticas aparentemente tão opostas, subjaz uma conseqüência comum tanto à “revolução” iluminista como à romântica: tanto para uma como para outra seria inevitável a infelicidade humana ao propugnar ideais impossíveis e que contrariam a ordem tradicional da existência. Ambas se atreveram a movimentar as tranqüilas águas e os “eternos princípios humanos levando a efeito um projeto absolutamente subversor sem ter refletido suficientemente sobre suas terríveis conseqüências inesperadas. Tanto os iluministas como os românticos foram igualmente acusados, assim, de “aprendizes de bruxos” que, levados por sua inesgotável ambição e inconsciência, abrem a “caixa de Pandora” liberando todos os males. Desta forma, conduzidos precisamente por uma esperança ultrajante, em última instância acabam privando dela a humanidade.

Certamente parece que por trás dos indubitáveis erros concretos que sem nenhuma dúvida cometeram tanto o Iluminismo como o Romantismo, o principal defeito de ambos é o apostar fundo em suas idéias, desenvolvendo e radicalizando a essência mesma da Modernidade: definir um projeto emancipatório e regeneracionista da humanidade, rompendo com uma parte do passado – que tinha ficado caduco – e construir sobre o presente (e algum aspecto tradicionalmente menosprezado pelo antigo) um novo mundo, um “tempo novo”²⁹ e uma “idade moderna” com renovadas esperanças para a humanidade.

Ademais, tanto o Iluminismo como o Romantismo foram conscientes (ou ao menos assim foram seus pensadores mais profundos como sem dúvida Kant e Herder) de muitos dos perigos que estavam por trás de seus ideais. Por isso sempre e incansavelmente batalharam para definir um sábio equilíbrio entre os prós e contras de suas idéias, para que não se cumprisse o trágico destino segundo o qual, quando o homem quer construir o seu na terra, inevitavelmente a converte em seu inferno.³⁰ Sem dúvida, e como veremos agora brevemente, esta incansável busca de um equilíbrio que hoje nos parece quase impossível, marcou profundamente o pensamento de iluministas e românticos. E vale dizer que a nosso juízo, precisamente na incessante busca desse equilíbrio, tanto uns quanto outros se aproximaram dele de uma maneira que a posterioridade não só não pôde se igualar, mas que cada vez anseia mais desesperadamente.

²⁹ Por isso já em seu momento (*nova aetas*), em alemão (*Neuzeit*) e em outras línguas se denomina assim o período histórico moderno. R. Koselleck (*Futuro passado. Para uma semântica dos tempos históricos*, 1993) analisou brilhantemente este aspecto, embora por outro lado H. R. Jauss (“Tradição literária e consciência atual da modernidade” em *A literatura como provocação*, Barcelona, Península, 1976) mostrou contundentemente que a dialética mencionada entre “antigos e modernos” é muito antiga (de fato o termo “modernus” está já testemunhado nele s.V).

³⁰ O caro leitor reconhecerá aqui uma adaptação do famoso aforismo do *Hiperión* de Hölderlin.

Analisando profundamente o pensamento kantiano, podemos ver que nele (e como culminação de uma inspiração essencial à Ilustração) se dá o mais perfeito equilíbrio entre os ideais modernos do sujeito e a racionalidade. Aparentemente se dá aqui um certo “círculo lógico” ou “vicioso” pois a racionalidade fica validada por e desde o foco crítico do sujeito, uma vez que este deve constituir-se e validar-se graças àquela racionalidade. Sem dúvida, quando Kant define o Iluminismo³¹ a partir do imperativo “tenha valor para usar sua *própria* razão!”, está determinando-a dentro da filosofia do sujeito moderna. **Exige que se exerça a racionalidade humana desde a independência e autonomia pessoal e individual.** Como havia dito um pouco antes, se deve exercer o próprio “entendimento sem se guiar por outro”, isto é, guiar-se em primeiro lugar e de maneira exclusiva pela própria faculdade que, por definição,³² é singular e pessoal, particular de cada um. Portanto, Kant está reivindicando colocar sua própria subjetivação por cima de qualquer objetividade que não tenha se validado por e desde uma racionalidade que, por sua vez, se valida pela “íntima e privada” subjetivação ou a faculdade pessoal do entendimento. Toda institucionalização, pois, tem que ser “criticada”³³ (para ser aceita se procedente) desde o juízo levado a cabo pela faculdade intelectiva de cada um.

Por este ponto de vista, Kant parece cair no subjetivismo³⁴ supremo (e seguramente assim o pareceria a um grego clássico ou a um medieval), porém devemos analisar com mais cuidado. Não podemos desconsiderar que para Kant a racionalidade, por mais que tenha que se validar desde a própria faculdade pessoal e particular (poderíamos dizer desde nosso cérebro fisicamente distinto de qualquer outro), remete em seu exercício a um funcionamento e a normas que são universais ou, ao menos, intersubjetivos, universalizáveis, objetiváveis, generalizáveis... Portanto, na realidade Kant está reclamando – em prudente (embora talvez instável) equilíbrio – que cada indivíduo que se considere iluminista, desde sua faculdade pessoal da razão, determine³⁵ a validade racional e universal de todo o dado (em especial a tradição e as instituições político-culturais). Será em função desta íntima valorização do dado que cada indivíduo deverá pautar seu agir (embora seja assumida a universalidade e a intersubjetividade já que os entendimentos individuais funcionaríamos de modo homólogo). Portanto cada indivíduo deverá exercer o uso público da razão questionando as falhas percebidas e propondo possíveis soluções ao conjunto da humanidade.

Significativamente, Kant como a maioria dos iluministas se mostra notavelmente confiante na potencialidade da razão para alcançar um acordo intersubjetivo universal, uma vez que tenha tomado “corajosamente” as rédeas do conjunto de faculdades e tenha dominado os impulsos animais, as paixões, as superstições, as fantasias, os preconceitos, os instintos inferiores e inclusive, os sentimentos, as

³¹ Indubitavelmente mesclando a noção do movimento oitocentista com aquela de tendência humana eterna e universal.

³² E, portanto, sem cair em um averroísmo (que consideraria o entendimento ou função intelectiva superior como comum e compartilhada por toda a humanidade), como o acusará o próprio Herder.

³³ No sentido etimológico que usa Kant: julgada, valorizada, delimitada, calibrada.

³⁴ E, evidentemente, do individualismo liberal e moderno.

³⁵ Supõe-se que – como enfatizou Descartes – ao menos uma vez na vida, pois se há de evitar cair na contínua reiteração de um processo

emoções e a imaginação. Pois todos eles se colocam como desviadores do perfeito exercício da razão e os principais causadores de seus erros.

Como vemos, os iluministas fundamentam seus ideais de liberdade e racionalidade em uma concepção de sujeito pensante e agente que é capaz de validar seus atos autonomamente a partir de si mesmo, conseguindo – precisamente graças a isso – que tenham valor e vigência universais. Aprofundando uma idéia surgida com o jusnaturalismo, pensam que a superstição, o erro secular, os preconceitos, a idolatria da tradição e os dogmas da autoridade só podem ser superados se se submetem à autêntica natureza humana, mediante a rigorosa e racional análise crítica do sujeito pensante que reflete com plena liberdade. Portanto, para o Iluminismo a mais plena e autônoma liberdade de pensamento (que Kant significativamente identifica com a do raciocínio, contrapondo-a a qualquer irreflexiva e meramente idiossincrásica³⁶ expressão) é o caminho ou “método” mais direto até o universal, o racional e o comum a toda a humanidade.

Como vemos, no Iluminismo ainda há um claro (mesmo que instável) equilíbrio entre a individualidade e a universalidade, entre o particular ou específico e o comum ou geral. Nela, o subjetivismo e o individualismo, essencialmente presentes no projeto moderno, ainda se equilibravam com a universalidade, que é garantida pelo exercício intersubjetivo de uma razão livre do “despotismo intelectual” ou da distorção por outras faculdades humanas. Para Kant, só a razão pode conseguir este equilíbrio tão perfeito como facilmente ameaçado, pois a razão e só ela é a faculdade da verdade, do conhecimento e do acordo intersubjetivo.

Agora, este equilíbrio iluminista, mais buscado que plenamente alcançado, mostrará toda a sua instabilidade e debilidade aos olhos dos românticos. Porém estes, longe de simplesmente negar absolutamente a possibilidade de tal equilíbrio, procuram definir um novo, agora sim “perfeito” (mesmo que com a posterioridade possamos vê-la talvez como mais instável que o iluminista).

Se por uma parte os românticos radicalizam e, inevitavelmente, pervertem o ideal kantiano e iluminista de “autonomia da razão”, interpretando mais “subjetivisticamente” a noção de “autonomia” e colocando em questão o universalismo da “razão”. Por outra parte, seu objetivo primordial é evitar que a razão isole “o homem de sua própria experiência individual e [pretenda] estabelecer leis universais para todos os homens em sua condição humana de qualquer tempo ou lugar”.³⁷ Isto é, querem evitar que através da abstração que inevitavelmente chega a razão, se cinda a humanidade de sua realidade concreta e existencial, e se imponha um “leito de Procusto”³⁸ totalmente artificial e violentador de sua verdadeira natureza. Por isso, o Romantismo – com Herder à frente – reconsiderará o ser humano e generalizará ao conjunto das faculdades humanas os parâmetros

³⁶ Recorde-se que etimologicamente a raiz “ídi” – individual – é a que se utiliza para termos como “idiota” que denotam falta de capacidade plena para usar a própria razão (o ideal do Iluminismo segundo Kant) e alcançar assim perspectivas universais.

³⁷ Berlin, 1997, p.166

³⁸ Mítico bandido grego que torturava suas vítimas “adaptando-as” ao tamanho de seu leito seja cortando as partes que sobravam ou esticando seus membros até alcançar o comprimento.

essenciais do Iluminismo,³⁹ reservados por ela somente à razão: a autonomia, a independência e sua capacidade de ser juiz último incorruptível.

Acreditam que a razão⁴⁰ não pode separar-se totalmente do resto do humano e, ainda menos, tiranizando-o e desprezando-o. A natureza humana é um organismo complexo onde tudo está unido solidariamente e, portanto, a razão não pode exercer-se com total desconexão (e ainda mais si é esquecimento ou domínio) das faculdades avaliativas, sensitivas, emotivas, imaginativas, de decisão, etc. Tampouco pode exercer-se completamente para além da experiência real e vital concreta de cada indivíduo, assim como de todos os vínculos inatos ou construídos – de maneira inevitável – ao longo de sua vida. Porque tudo isso forma a própria e pessoal natureza, caráter, condição, suas circunstâncias essenciais,⁴¹ seu ser, sua subjetividade...

A partir da perspectiva dos românticos, Kant e grande parte do Iluminismo dão uma abordagem claramente analítica que distingue e contrapõe mais que vincular e sintetizar. Assim, o Iluminismo tenderia a manter contraposta a cisão sujeito-objeto e a identificar com o humano exclusivamente a razão que o constituiria e o faria sujeito.⁴² Em conseqüência, e Kant o toma como sua máxima individual do imperativo categórico, o homem nunca pode ser determinado como objeto.⁴³ Em contraposição, Herder⁴⁴ e o Romantismo têm uma abordagem mais sintética que analítica, buscando sempre a conciliação e unidade que equilibre ou submeta todas as diferenças.

Precisamente a partir desta perspectiva romântica que considera o momento sintético como superior ao analítico (o que subordina, mas não elimina) deve-se analisar sua crítica à ciência do Iluminismo. A esse respeito, é muito significativo o chamado *Primeiro programa de sistema do idealismo alemão* que foi redigido por Hegel, Hölderlin ou Schelling⁴⁵ por volta de 1796, em contato direto com o grande impulso romântico. Não rejeitam a ciência – na época exemplificada pela física matemático-experimental newtoniana – mas se propõe sua superação subordinando-a à especulação (como exigia a *Naturphilosophie* alemã): “daria novamente asas a nossa física que avança dificultosamente através de seus experimentos. Assim, se a filosofia das idéias e da experiência prevê as informações, poderemos ter aquela física com letra maiúscula que espero das épocas futuras. Não parece como se a física atual pudesse satisfazer um espírito criador.”⁴⁶

A tendência harmonizadora do Romantismo também se manifesta claramente em sua busca incessante pela conciliação e síntese entre a dualidade sujeito e objeto. Os

³⁹ Basicamente compartilhado com praticamente todos os movimentos racionalistas anteriores.

⁴⁰ Tanto a faculdade individual como a racionalidade construída e compartilhada coletivamente.

⁴¹ Por isso Ortega insistirá mais a frente que “eu sou eu e minhas circunstâncias”.

⁴² Veja-se a oposição “dualismo versus monismo” seção III-2.

⁴³ Isso inclui não manipular o homem ou o humano.

⁴⁴ Nisso Herder é claramente também um antecedente claro do Idealismo alemão.

⁴⁵ A autoria (assim como as influências recebidas, por exemplo, de Sinclair e seu grupo de pró-revolucionários) não está definitivamente fixada mesmo que seja inquestionável que o manuscrito conservado esteja escrito pela mão de Hegel.

⁴⁶ Hegel, *Escritos da juventude*, México, FCE, 1978, p.219.

românticos se negam a considerar ambos os pólos como irreconciliáveis, assim como a identificar exclusivamente um só deles como o humano. Um objetivo comum dos românticos era conseguir que a humanidade superasse tal cisão, ao mesmo tempo em que a oposição entre a razão e as outras faculdades. Enquanto o Romantismo sempre pensa dentro de certo monismo, busca incansavelmente a síntese e ressalta a continuidade entre as dualidades; pelo contrário, o Iluminismo se verá condenado inevitavelmente a um profundo dualismo ao forçar a contraposição e a distinção entre o humano e o animal, entre a razão e as outras faculdades, entre o sujeito pensante e o objeto pensado.

Apesar do enorme esforço desenvolvido pelo Iluminismo para manter o equilíbrio entre a prioridade do sujeito e a intersubjetividade garantida pela razão, o romantismo põe de manifesto a instabilidade histórica desse equilíbrio. Argumentam que a relação imposta pelo Iluminismo entre a consciência e a interioridade com o objetivo e exterior era repressiva da autêntica expressão da subjetividade humana, ao mesmo tempo em que reduzia o mundo ou a Natureza a mero objeto só tratável de forma analítica e como objeto de domínio. Por isso parecia excessiva, pois se trata só de uma parte da verdade, a acusação de que o Romantismo rompe o equilíbrio iluminista somente com base na potencialização desmesurada da força e da criatividade da subjetividade. Embora haja aqui um aspecto verdadeiro, também há outro contrário que os românticos sacralizam a organicidade do mundo e que se destacam por seu grande respeito frente à Natureza. Sempre se negam a tratá-los como mero objeto entregue ao total domínio – inevitavelmente técnico, como diria Heidegger -, mas os pensam como um organismo só em harmonia com o que pode se desenvolver o humano.

Os românticos eram muito conscientes (de fato são o primeiro movimento que o destaca a fundo) do perigo inerente ao privilégio ultrajante do moderno sujeito de domínio. Daí a angústia e o almejo que sentem por reinstaurar a comunidade e o enlace entre sujeito e objeto, entre o eu e o mundo, entre o particular ou singular e o universal, entre indivíduo e o todo, entre sociedade e Natureza, entre microcosmo e macrocosmo... Este era seu mais ambicioso ideal e o denominaram: *hen kai pan* –um e tudo -. Herder (tanto como Hôlderlin) aspira a reter e viver profundamente este ideal cujas conseqüências da Modernidade vão o tornando cada vez mais impossível. Por isso tem razão Berlin⁴⁷ quando diz que “a *idée maîtresse* obsessiva [de Herder] seria o conceito de unidade na diferença, mais que o das diferenças na unidade”.

Porém, certamente na evolução do século XIX adiante, se impõe em geral a tradição mais objetivante e redutivamente tecnológica da razão, fazendo com que o ideal romântico de unificação se apresente cada vez mais difícil e condenado ao fracasso. Os românticos mais lúcidos e desiludidos já haviam intuído isso, daí seu maior desespero. Finalmente, desalentados, terminam ponderando por uma desequilibrada radicalização da subjetivação moderna, donde qualquer ideal de equilíbrio aparece cada vez mais impossível. Porém, tem razão quando acusam desta cisão sobretudo o Iluminismo (a sua visão da razão, do homem e da relação de domínio com o mundo), pois é o que mais decisivamente vai quebrando os restos de harmonia que restavam ainda do mundo grego. Assim Schiller disse em suas *Cartas para a educação*

⁴⁷ Berlin, 1995, p.198

estética da humanidade:⁴⁸ “Se quebrou a unidade interna da natureza humana; uma fatal hostilidade opõe suas harmoniosas forças umas às outras. O intelecto intuitivo e o especulativo, hoje inimigos, fechando-se em seus respectivos territórios, cujas fronteiras têm começado a guarnecer invejosos e desconfiados. Limitando nossa atividade a uma esfera determinada, nos demos um amo despótico, que frequentemente costuma acabar oprimindo as restantes potências do espírito.”

Por isso uma grande parte do Romantismo (e Herder evidentemente) assume como a grande tarefa da época reconstruir uma nova síntese que não complexique o homem moderno frente ao grego. O Romantismo é muito amplo e potente o anseio por compatibilizar a autonomia radical da própria subjetivação com o enlace e comunhão com o supra-individual, seja a Natureza, a sociedade, o povo, a história ou, inclusive, a vida. Esse anseio, por outro lado, tende a desfalecer sistematicamente em momentos posteriores. Tem razão Taylor⁴⁹ quando afirma que no Romantismo volta a ter vigência o velho ideal renascentista de que o homem – enquanto microcosmos – reflete e se reflete na totalidade do universo – enquanto que macrocosmos -. Porém, significativamente esse velho ideal, que parecida totalmente esquecido durante o racionalismo⁵⁰ do século XVII e o Iluminismo, cai no mais absoluto descrédito posteriormente ao Romantismo. Como vemos, o Romantismo tem também (ou ao menos aspira) um equilíbrio, embora claramente diferenciado do iluminista; porém, lamentavelmente ambos se manifestaram historicamente muito instáveis.

Com um anseio entusiasta que caminha ao lado de um grande desespero e que caem ao sentir o fracasso, os românticos buscam um novo equilíbrio que recomponha – pensam – o que o Iluminismo rompeu. Esse equilíbrio renovado deve harmonizar nem mais nem menos que: indivíduo e coletividade, razão e sentimento, homem e Natureza, entendimento e vontade, alma e corpo, poder e vida, sujeito e objeto, análise e síntese... Com isso, o Romantismo leva a cabo a reivindicação global das faculdades humanas (opondo-se a sua repressão ou negação) e o reconhecimento, também mais global e profundo que nunca antes,⁵¹ de todas as determinações naturais, históricas e culturais dos seres humanos. Inclusive deve-se acrescentar como um importante elemento nesta direção: o descobrimento da lingüística humana e da consciência lingüística a que chegam Herder⁵² e o Romantismo, pois vêem na linguagem a dimensão mais determinante, pois é inclusive, ontologicamente prévia à razão.

Certamente, com todos os fatores brevemente resenhados, o princípio moderno do sujeito se radicaliza notavelmente, adquirindo plena naturalização na sociedade e toda a cultura uma ampla série de elementos individualizadores, singularizadores, subjetivadores e idiossincráticos. Assim – já superado totalmente o equilíbrio

⁴⁸ Carta VI, pp. 28s.

⁴⁹ Taylor, 1983, p.29

⁵⁰ Excetuando-se a peculiar monadologia leibniziana.

⁵¹ Certamente com isso também desenvolvem algumas idéias iluministas, porém sem dúvida vão muito mais além que, por exemplo, Montesquieu e sua reivindicação de clima e das condições geográfico-históricas.

⁵² Veja-se sua obra temporã (1771) *Ensaio sobre a origem da linguagem*.

iluminista, baseado no domínio absoluto da razão – parece agigantar o subjetivismo moderno na medida em que a diversidade e a proliferante riqueza do humano ameaçam impossibilitar todo o novo equilíbrio (agora propriamente romântico) com a necessária unidade da humanidade e universalidade da razão.

Kant, agudamente, percebe este salto já no estilo e na filosofia de Herder. Por isso, em suas recensões das *Ideen*, os denuncia como falta de rigor, assim como um salto arbitrário e não justificado racionalmente desde a mais singular subjetividade ao coletivo, ao humano e, inclusive, à Natureza cósmica. Certamente, Kant intui nele, por outra parte, moderado Herder (pois os românticos posteriores serão neste aspecto muito mais radicais) um pensamento que se fundamenta excessivamente na idolatria da própria subjetividade; quer dizer que é perigosamente “idólatra”, pois adora excessivamente a própria pessoa e subordina tudo a sua subjetividade. Porém (seguramente tanto pelo enfrentamento pessoal quanto pela incompatibilidade entre Iluminismo e Romantismo) esquece que em Herder há, ainda um equilíbrio (seguramente tão belo quanto instável) baseado no expressivismo. Sem negar a típica subjetivação moderna, mas sim ao contrário pensando-a desde novos conceitos de “expressão”, “pertinência” e “comunidade orgânica”, Herder consegue explicar a integração espontânea dos indivíduos com os povos e culturas, sem – por sua vez – dissolvê-los totalmente neles. Por isso Herder é de fato um antídoto contra o fascismo, e Charles Taylor⁵³ quando diz: “Herder não só é o fundador do nacionalismo moderno, mas também de um dos principais baluartes contra seus excessos, o individualismo expressivo moderno”.

Agora já para Kant e os ilustrados o salto romântico, embora busque um novo equilíbrio e que radicalize um subjetivismo moderno já presente na mesma Ilustração, ameaça perigosamente a unidade da humanidade e a universalidade da razão. Por isso o rejeitam e também por isso não o podem compreender, pois para os iluministas a reivindicação do sujeito pensante, de sua autonomia e capacidade crítica, de sua liberdade de pensamento e de expressão, não tinham outro sentido que garantir o triunfo da universalidade da razão. Para a Ilustração, individualismo, subjetividade e liberdade só eram condições necessárias para que triunfasse através deles a igualdade, universalidade e fraternidade humanas, quer dizer o comum e compartilhado pela humanidade. Por isso para os próprios ilustrados incomodava profundamente (embora provavelmente fascinantes) os desvios presentes na obra final de Rousseau, no *Sobrinho de Rameau* de Diderot⁵⁴ e sem falar no Marques de

⁵³ Taylor, 1983, 16

⁵⁴ Esta ambígua relação de desprezo e fascínio se nota permanentemente em todo o texto de Diderot (cito a edição de Barcelona, Bruguera, 1983), como já se vê na apresentação (p. 22) do “sobrinho”: “um dos personagens mais extravagantes deste país no qual Deus foi tão pródigo. É um composto de altura e baixeza, de senso comum e insensatez. Muito estranhamente misturadas, há que se ter as noções do honesto e do desonesto em sua cabeça; já que exhibe as boas qualidades que a natureza lhe outorgou, sem ostentação, e as más, sem pudor”. Sem dúvida esta ambivalência provém (como diz Félix de Azúa na introdução) de que em Diderot há já “um Rameau subterrâneo esperando aflorar” (p. 9) e que esse “desdobramento de Diderot [no sobrinho] era a explicação racional e sistemática do programa iluminista” (p. 15). Aqui jaz a dificuldade do texto pelos motivos de sua incompreensão geral: de uma maneira epocalmente muito nova. Diderot está aprofundando ou liberando sua subjetividade (segundo seja a filiação mais pro romântica ou pro iluminista dos intérpretes) Como confessa Diderot (p. 21): “Converso comigo mesmo sobre política, sobre amor, sobre arte ou sobre filosofia. Abandono meu espírito numa libertinagem completa. Permitto-lhe

Sade.⁵⁵ Aqui, antecipando o mais radical Romantismo, o desenvolvimento de ideais tão iluministas como o individualismo, a subjetividade e a liberdade já ameaçam a romper a inteligibilidade racional, a aparente comunidade dos grupos humanos, o senso comum estabelecido e a tradicional imposição do sentir coletivo sobre sentir individual.

5 O SUJEITO LIVRE?

Vemos, pois, que dentro do complexo desenvolvimento da moderna filosofia do sujeito herdada de Descartes, tanto o Iluminismo quanto o Romantismo desempenham um papel chave na progressiva acentuação dos processos de subjetividade. Por isso ambos os movimentos participam no desvio subjetivista moderno, embora também ambos busquem um possível equilíbrio entre sujeito e objeto, entre subjetivo e objetivo, entre eu e mundo, que evite o crescimento desmesurado do desvio. Desde esta perspectiva ambos mostram fidedignamente sua pertença à Modernidade como cosmovisão de cosmovisões, pois enlaçam fielmente com o essencial projeto moderno de privilegiar e partir do sujeito para fundamentar tanto o conhecimento quanto a ação humana. Enquanto que, por outro lado, há entre eles diferenças absolutamente essenciais e de enormes conseqüências em todos os âmbitos. E certamente, o Romantismo⁵⁶ (com Herder à frente) dá um passo na subjetividade além de Kant e a Ilustração, tornando impossível o sábio equilíbrio que estes buscam.

Certamente como o salto romântico, melhor dito com o fracasso de sua tentativa de novo equilíbrio, tudo parece ter mudado de repente e isso apesar de que Kant, com sua teoria da incondicionalidade do sujeito legislador em moral, já assente as bases de tal desvio. A objetividade da racionalidade científica, técnica e, inclusive, pragmático-social deixa de ser referendada por e desde o sujeito. Por isso este deixa de ser visto em primeiro lugar e basicamente como “sujeito pensante”, sujeito que se caracteriza primordialmente por saber e conhecer através de uma racionalidade universal, estável e objetivamente expressável. Agora passa a ser, sobretudo sujeito volitivo, agente, criador, impulsor, profundamente emotivo... Sobretudo é amante de sua infinita criatividade e – considerando que a nega e ameaça imobilizá-la – é sistematicamente depreciador de todo o fixo, quieto, estável, objetivo, finito... Embora o tenha criado ele mesmo! Mesmo assim, o identifica com o morto e considera que é a morte da vida do sujeito que só pode ser entendida como mudança, movimento, metamorfose e criação.

A racionalidade (pelo menos seus produtos já dados por definitivos) passa a ser então uma manifestação já morta da atividade imparável do sujeito, deixa de ser sua íntima aliada para se tornar em boa parte uma laje que lhe impede de continuar

que siga a primeira idéia que se apresente, seja sábia o imprudente, tal como vemos na alameda de Foy os nossos jovens entregues aos vícios seguir os vestígios de uma graciosa cortesã [...] Minhas idéias: essas são minhas amantes”.

⁵⁵ Veja Gonçal Mayos “De Sade ou a subversão do/no Iluminismo” em *Daymon, Revista de filosofia*, 1993, PP. 89-102.

⁵⁶ No de Berlin (2000, por exemplo, p. 85) denomina “violenta doutrina de afirmação pessoal que constitui o centro do *Sturm und Drang alemão*”.

sendo o que é: sujeito. Isto é o que finalmente ficará para a posteridade da valorização romântica pelo gênio,⁵⁷ o artista, o criador, o poeta, etc. Resulta o que Nietzsche chamou uma “metafísica de artista” e que não é senão uma radicalização da subjetividade moderna, da potência do sujeito já sem o equilíbrio da razão e em clara oposição com todas as conquistas – a do absoluto domínio tecnológico em primeiro lugar -. Taylor⁵⁸ vê assim a ameaça que se aproximava: “A liberdade radical só parecia possível a custo de um distanciamento da natureza de uma divisão de mim mesmo entre razão e sensibilidade, mais radical do que nada que tivesse pensado o materialista e utilitário Iluminismo, e por tanto uma separação da natureza externa, de cujas leis causais do homem livre deve ser radicalmente independente, [...] O sujeito radicalmente livre era lançado de volta a si mesmo, [...] e a uma decisão em que os outros não tinham como interferir.”

Por isso, Berlin⁵⁹ vê o primeiro dos dois princípios do movimento romântico “a noção da vontade ingovernável: que a conquista dos homens não consiste em conhecer os valores, mas sim em criá-los. Criamos os valores, os objetivos, os fins e, por fim, criamos nossa própria visão do universo, exatamente do mesmo modo como os artistas criam suas obras. [...] Não há imitação, adaptação, aprendizagem de regras, comprovação externa, nem uma estrutura que devemos compreender e a qual devemos nos adaptar antes de trabalhar. O núcleo do processo consiste na invenção, na criação, no fazer, literalmente do nada, ou de qualquer material de que se dispõe”. Também em tal direção considera como o segundo princípio romântico: “não há uma estrutura das coisas. Não há um modelo ao qual devemos nos adaptar. Existe somente um fluxo: a interminável criatividade própria do universo”. Quer dizer, se destruiu totalmente o equilíbrio racional iluminista que, embora ainda herdeiro do *logos* cósmico grego, pressupõe uma legalidade objetiva da natureza e da humanidade dada a nós enquanto sujeitos racionais. Mas também se destruiu ou fracassou o desejo romântico de um novo equilíbrio mais profundo, duradouro e autêntico.

Finalmente, com a agonia do Romantismo mais ambicioso, já só restará pensar o sujeito como absolutamente prévio e diverso de toda concretização ou objetividade já constituída. A própria razão será considerada também um elemento a mais do inautêntico, do farisaico, do moribundo, do banal... Sempre recordando a grande crítica romântica a uma razão separada e que despreza o resto das faculdades (sentidos, sentimento, imaginação, paixões, gênio...), se irá muito mais além do espírito romântico

(e naturalmente de Herder) estigmatizando totalmente a razão, desprezando-a, ridicularizando-a.

⁵⁷ Do que se pensa que se deve unicamente a si mesmo e não aos farisaicos valores de sua sociedade.

⁵⁸ Taylor, 1983, p. 22.

Como vemos, se passou do “cogito ergo sum” ao “volo ergo sum”,⁶⁰ mas o profundo vínculo entre um e outro embora o intuirão muitos românticos - não se tornará de tudo explícito até que Nietzsche (aprofundando a grande intuição schopenhaueriana do *mundo*⁶¹ *como vontade e representação*) identifique a “vontade de poder”. Porém como vimos, Herder e o primeiro Romantismo que ainda não cedeu ao fracasso vivenciam tudo isso de uma maneira muito mais complexa e ambivalente. Ainda não renunciam a descoberta ou construção de um novo equilíbrio entre eu e o mundo, sujeito e objeto, entre subjetividade e racionalidade intersubjetiva. Por isso, normalmente os românticos (e Herder é um bom exemplo) experimentam como uma trágica dualidade esta novidade, pois é a vez infinitamente libertadora (o sujeito é tudo) e terrivelmente dolorosa (o sujeito fica ameaçadoramente condenado à solidão, ao vazio axiológico, inclusive à nulidade existencial). A tremenda ambivalência do Romantismo surge da percepção de uma dualidade que, apesar de ser estritamente moderna, passou em boa parte despercebida pelos iluministas antes de Rousseau.⁶²

Chegados aqui, não podemos seguir por hora essa complexa e interessante evolução que temos que considerar já como “pós-romântica” e “pós-iluminista”. Isso pelo menos com relação a períodos ou conceitos “epocais”, embora talvez não com relação a tendências essenciais e eternas na condição humana. Tanto num caso como no outro, sem dúvida o conflito entre Ilustração e Romantismo (tão bem representados no pensamento de Kant e Herder) continua sendo vigente e é imprescindível para entender nossa situação a inícios do século XXI. Pois certamente depois deles se rompeu “esse único grande molde - *A philosophia perennis* - que havia guiado, de um modo ou outro, a marcha da humanidade até então”⁶³, ficando aberta a complexa hidra de muitas cabeças que constitui nossa contemporaneidade.

⁶⁰ Díaz-Urmeneta (1997, PP. 27s, seguindo Berlin) afirma que com o Romantismo se destaca “a excentricidade entre razão e vontade e toma partido por esta última. Ela é a que mantém nossa identidade frente a natureza exterior e frente a qualquer sistema fechado, seja racional ou teológico”. E por isso aparece uma nova figura oposta à iluminista do “especialista” na “romântica do herói, criador individual que está por cima dos modelos reconhecidos de valor porque é ele quem cria o valor”.

⁶¹ Também o idealismo de Hegel (seguindo Herder) tentará manter ainda um complexo equilíbrio entre subjetividade e racionalidade. Saindo sem parar da desconfiança generalizada dos românticos diante de sua dialética racionalista, Hegel os caricaturiza nas figuras da “má infinitude” (o desejo de infinitude tão insaciável que se fecha num círculo vicioso sem possibilidade de descanso nem nenhuma verdadeira conquista – pois imediatamente deve destruí-lo-) e da “alma bela” (aquela subjetividade que se considera tão pura e sublime que nunca encontra nada real que esteja a sua altura). Muito pelo contrário, Hegel exige a necessidade da reconciliação com o real (vendo o racional que nele há) desde a perspectiva da astúcia da razão (de origem mais kantiana que herderiana). Através desta, o grande sujeito cósmico (o espírito universal) pode realizar seus objetivos universais e racionais precisamente mediante “portadores” movidos por seus instintos e impulsos particulares. Há que se dizer que, apesar das muitas e precoces críticas, tal aposta especulativa ofereceu o sistema ou visão onicompreensiva ainda hoje mais ampla e ambiciosa, assim como originou a grande trilha da razão dialética que, através do marxismo, chegou aos nossos dias.

⁶² Embora, como mostramos tal dualidade já existia no Iluminismo. Assim o testemunham também a famosa *Dialética do Iluminismo* de Horkheimer e Adorno, e muito antes das críticas de Nietzsche e Max Weber.

⁶³ Berlin, 2000, PP. 186s.

Nossa atualidade, que pode ser qualificada exatamente como Dickens⁶⁴ descreve a época em que – precisamente – centramos este livro (para simplificar: ao redor da data “revolucionária” de 1789): “Era o melhor dos tempos e o mais detestável dos tempos; a época da sabedoria e a época da bobagem, o período da fé e o período da incredulidade, a era da luz e a era das trevas, a primavera da vida e o inverno do desaparecimento. Tudo o possuíamos e nada possuíamos, caminhávamos na direção do céu e rodávamos precipitados no abismo”. Deixamos ao amável leitor que veio seguindo até aqui a tarefa de decidir o que é o que na atualidade: dentro dos avanços inquestionáveis e, aparentemente, imparáveis do positivismo e do pragmatismo (não necessariamente filosóficos), do domínio da tecnologia, a econometria e a especialização científica, do progresso econômico e nas possibilidades de consumo; assim como o avanço da angústia, o desconcerto, a suspeita, a incredulidade e o niilismo que há por detrás da crise de valores iniciada com a decadência da Ilustração e do Romantismo; passando pela morte de Deus”, o pessimismo, *tedium vitae* e o *spleen* que vieram a se chamar a *maladie Du siècle* e que hoje parecem substituídos pela ameaça de um pensamento único hegemônico, a pós-modernidade, a sociedade do espetáculo e as intermináveis “mortes” da história, a filosofia, o sujeito, etc.

⁶⁴ É o famoso início de seu romance *História de duas cidades*.